

# MARCELO MOSCHETA

POR ALINE LEAL



SEQUENCE A LINE IN THE ARCTIC #1, 2012

Se a pintura de paisagem já foi considerada um gênero menor dentro de uma tradição artística, não é de hoje que as hierarquias se dissolvem e uma espécie de democracia em relação ao tema é instaurada. É nessa direção que se apresenta a produção de Marcelo Moscheta, artista plástico paulista, que vive em Campinas, ao expressar um olhar contemporâneo para a paisagem não apenas como natureza, mas como noção humana inventada: paisagens reais e mentais, ficcionais e naturais. No intuito de reconstruir e entender o espaço e, ao mesmo tempo, ter uma medida de si mesmo: “Quando olho para fora, consigo olhar para dentro”. À questão da paisagem, aliam-se outras, fundamentais à produção artística de Moscheta: a memória, tanto pessoal como alheia, e a representação. Desde 2000, o artista tem criado instalações, desenhos e fotografias, identificando e recolhendo elementos da natureza de lugares remotos para construir pensamentos sobre tais temas.

*1.000 km, 10.000 anos*, exposição na Galeria Leme, em São Paulo, que vai do dia 8 de maio a 8 de junho, oferece pistas para entender a produção artística de Moscheta e seu lugar no cenário contemporâneo. Fruto de uma residência

de dez dias no Chile, a convite de Alexia Tala, diretora artística da Plataforma Atacama, apresenta-se aí a maneira de o artista ver a paisagem, intermediada por algum tipo de máquina. Somos levados a partir de um eixo espaço-temporal: dez mil quilômetros é o deslocamento feito por Moscheta desde sua chegada até o último ponto percorrido nesse território. Por sua vez, dez mil anos é a datação das primeiras civilizações que habitaram o deserto de Atacama. Alia-se, portanto, passado e presente, numa espécie de investigação arqueológica, narrativa do recorrido.

Da exposição participam três trabalhos. *Linha, Espaço, Tempo* é o maior deles e traz cerca de 2.500 réplicas em cerâmica de uma ferramenta pré-histórica que consiste em uma pedra com um machado, cujo original é parte da coleção de pedras e ferramentas paleolíticas da arqueóloga Ana María Barón. A cada réplica foi amarrada uma placa de cobre com uma referência de latitude e longitude, que, unidas, registram as coordenadas do deslocamento de Moscheta no deserto de São Pedro do Atacama.

*Atacama 28.04-06.05/2012* é um mapa desenhado em grafite PVC, técnica na qual Moscheta tem se destacado, do deslocamento do artista pelo deserto, unindo a



FOTO: Conesia Galeria Leme

ÁRTICO 001, DA SÉRIE FOTOCROMÁTICOS. ESCALA DE CORES E ACRÍLICO, 43 X 85 CM



DRIFTWOOD, 2012

precisão matemática das coordenadas ao aspecto sensível da peregrinação do artista, seu corpo vertical frente à paisagem horizontal. Assim, une arte e ciência, numa dissolução das fronteiras, na verdade uma linha abstrata, tal como as que demarcam os territórios. A multiplicidade de linhas criadas a partir dessa marcação, os traços que registram os passos do artista formam um desenho, técnica com a qual Marcelo se identifica. Dessa vez, no entanto, sob uma perspectiva mais cosmológica que humana. Neste ano, Moscheta participará do segundo volume da *Vitamin D – new perspective in drawing*, uma antologia do desenho contemporâneo.

A outra obra é *Timelaps*, uma caixa em que o artista depositou terra, areia e pedregulhos do deserto do Atacama, com uma placa em referência ao momento histórico em que os astronautas da Apollo XI pisaram em solo lunar, no qual colocaram uma placa com a inscrição: “Here men from the planet Earth first set foot upon the moon. July, 1969”. Aqui, no entanto, a datação é de 10.800 a.C., dos primeiros habitantes de Atacama, os pastores de lhamas que cruzavam aquele território. Assim, Moscheta remete à ideia do solo como objeto de estudo, estabelecendo também um vínculo entre os astrônomos que atualmente se estabelecem nessa terra, sobretudo do projeto ALMA, para a observação do céu, das galáxias, do universo – o passado desses primeiros habitantes com o futuro observado através das estrelas.

De dezembro de 2012 a fevereiro de 2013, esteve em cartaz com a exposição *Norte*, no Centro Cultural Paço Imperial, no Rio de Janeiro, com curadoria de Daniela Name. O trabalho é fruto de uma residência expedicionária no Círculo Polar Ártico, da qual Moscheta participou por meio do programa *The Arctic Circle Expedition*, que faz uma seleção anual de artistas para passar três semanas nesse território. A exposição contou com dez obras, sendo oito delas inéditas, e ocupou a sala Terreiro do Paço. Como catálogo, e ao mesmo tempo diário de bordo, foi lançado o livro da exposi-



LINHA: TEMPO: ESPAÇO, 2013

## Moscheta cita o isolamento como a melhor parte da residência, remetendo à situação dos exploradores, numa espécie de tributo.

ção, com o selo da Ímã Editorial – uma espécie de *making of* que registra todo o trabalho anterior à exposição, esta que é, na verdade, só a “pontinha do iceberg”.

Moscheta cita o isolamento como a melhor parte da residência, remetendo à situação dos exploradores, numa espécie de tributo à memória desses grandes heróis expedicionários e, ao mesmo tempo, às micropopulações que habitam o lugar inóspito. Como filho de biólogo, Moscheta talvez tenha apreendido algo do ofício do pai, que, a partir de unidades microscópicas, resíduos, visa reconstruir tecidos maiores. Ainda, identifica-se com o trabalho dos arqueólogos e dos astrônomos, estes que lançam um olhar para trás, a fim de se lançar para frente. ➤